Capital S/A

SAMANTA SALLUM
samantasallum.df@cbnet.com.br



Os erros são os portais da descoberta

James Joyce

Comércio exterior para empresárias

A diretora de negócios da Apex Brasil, Ana Paula Repezza, vai apresentar, no 3º Encontro Nacional de Mulheres no Comércio Exterior (Emex), amanhã, estratégias que podem aumentar a inclusão de mulheres no mercado de comércio exterior.

"Nos últimos dias, lançamos o compromisso de equidade de gênero para garantir que sempre haja equiparação nos nossos cargos de liderança. Paralelamente, queremos dar apoio às empresas lideradas por mulheres que queiram começar ou aumentar as exportações", afirma a executiva.



Apex/Divulgação

Obstáculos

Apenas 8% das empresas exportadoras apoiadas pela agência são comandadas por mulheres. Na visão de Ana Paula, além do baixo número de empresas geridas por mulheres, existem obstáculos a serem superados, como as dificuldades em negociar e no acesso a linhas de créditos. O evento, realizado pela Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), em parceria com o Hub Mulheres no Comex, será transmitido pela internet, ao vivo, mediante inscrições: *www.emex.live/*.

Magnólia/Divulgação



Franquia brasiliense de papelaria é coqueluche nacional

A Magnólia Papelaria, uma marca nascida em Brasília, há cinco anos, alcançou 73 quiosques e um faturamento de R$ 28 milhões, no ano passado. As previsões para 2023 são de mais crescimento. A franqueadora almeja chegar a 95 operações e um faturamento de R$ 36 milhões. Por trás do sucesso do negócio está a parceria que surgiu entre os sócios-fundadores, os irmãos gêmeos Fillipe e Thiago Janiques, que eram donos de uma fábrica de sorvete, e o casal Igor Vendas e Julia Hueb, franqueados de uma marca de vestuário, e tinham, em paralelo, uma startup de localização de estabelecimentos pet friendly em Brasília.

Clássica e atemporal

"Nosso público é majoritariamente feminino. Da garotada até mulheres executivas. Escolhemos o nome Magnólia por ser uma flor clássica e atemporal. Isso identifica nossos produtos. Eles são para uso diário, para ajudar no dia a dia organizacional das nossas clientes, para ajudar nos estudos e no trabalho", conta Filipe, que é o CEO da empresa.

Acima das expectativas

A primeira unidade, em um shopping da capital federal, recebeu investimento inicial em torno de R$ 90 mil e logo se tornou uma atração à parte. No primeiro fim de semana de operação, faturou o esperado para o mês inteiro e, naqueles dias, os sócios já ouviram pessoas interessadas em adquirir uma franquia.

Mais unidades

Atualmente, está em 17 estados e 32 municípios e tem como plano potencializar a expansão para todo o Brasil e abrir, até 2025, mais 110 unidades. No DF, são 13 quiosques em quase todos os shoppings e também no Aeroporto JK.

Liderança da Assespro é do DF



Assespro

A Federação dos Associados das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (Federação Assespro) dará posse amanhã aos empresários eleitos para a gestão 2023-2024. O novo presidente da entidade é de Brasília: Christian Tadeu Santos, que está à frente do sindicado do setor no DF. Tomarão posse também Deybson de S. Cipriano, como vice-presidente de Articulação Política, e Italo Lima Nogueira (ex-presidente), na vice de Relações Internacionais, entre outros membros. A solenidade será às 15h, na Câmara dos Deputados. Depois, haverá um jantar comemorativo no salão de festa da Loja Maçônica Estrela de Brasília, na 913 Sul.

Secovi-DF/Divulgação



Reunião do mercado imobiliário

Ontem, foi realizada a 1ª Reunião Ordinária do Secovi/DF, presidida por Ovídio Maia, com diversos representantes do setor imobiliário no DF. O evento foi no restaurante Rubaiyat e contou com a participação do empresário Paulo Octávio, que foi nomeado presidente extraordinário do Conselho Consultivo do Sindicato das Imobiliárias do DF. Também foram divulgados os números do mercado imobiliário pelo 2º vice-presidente administrativo, Marco Demartini.

Noroeste e Águas Claras

Segundo o sindicato, o período de 2013 a 2022 foi muito bom para o setor de lançamentos e o ano passado foi o grande campeão, com 5 mil unidades vendidas no DF. O Setor Noroeste foi considerado o maior mercado de ofertas, somando R$ 3,5 bi de VGV (Volume Geral de Vendas). Já Águas Claras foi considerada a região mais valorizada do mercado.

ECONOMIA / Sem a confecção de uniformes dos alunos da rede pública de ensino, que passaram a ser produzidos em outros estados, e com dificuldades para encontrar mão de obra qualificada, o setor enfrenta queda no faturamento

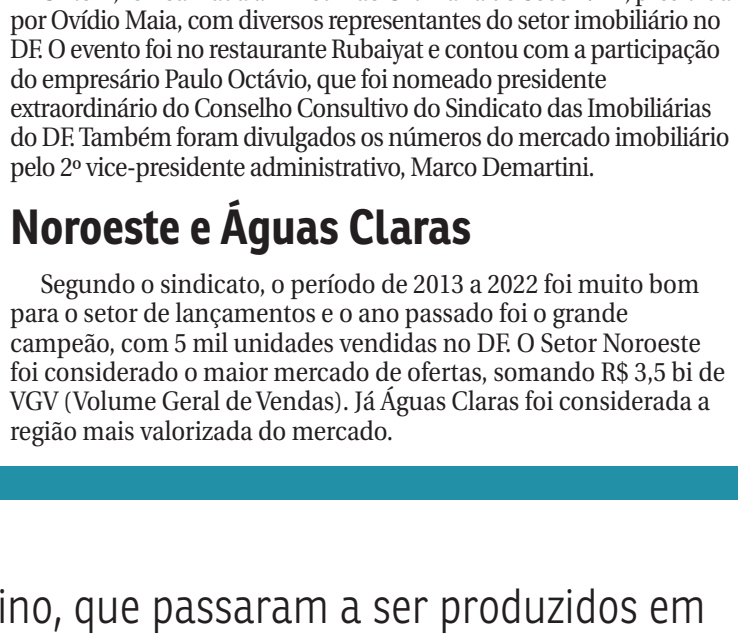
Malharias do DF agonizam

» NAUM GILÓ
» ISAC MASCARENHAS*

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



De acordo com o Sindivest, 80% do faturamento das malharias vêm da produção de uniformes



A gerente Terezinha Pires reclama da falta de pessoas qualificadas

O setor de vestuário gera 6,2 mil empregos diretos e indiretos na capital e é formado, majoritariamente, por micro e pequenas empresas. No entanto, a previsão é de que este ano sejam grandes as dificuldades, já que os uniformes das escolas da rede pública do Distrito Federal passaram a ser produzidos em outros estados.

Até o ano passado, microempresas locais vendiam para as associações de pais, alunos e mestres que, por sua vez, distribuíam aos estudantes. "São 3 milhões de peças que deixaram de ser produzidas aqui. Não temos expectativa de crescimento para este ano", lamenta Walquíria Pereira Aires, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário (Sindiveste-DF).

De acordo com a representante sindical, 80% do faturamento das malharias do DF vêm da confecção de uniformes da Secretaria de Educação e a decisão de escolher confecções de fora para fazer as roupas vai acarretar em uma queda de 50% a 60% no faturamento de todo o setor de vestuário da capital. "Estamos fazendo uma pesquisa sobre mais de 200 melhorias para elaborar uma proposta ao GDF e trazer de volta pelo menos parte dessa produção", revela.

Entre os 7.582 empresários do setor, 89% são micro empreendedores individuais (MEI'S). Um deles é Sidney Graciano Felipe, que produzia uniformes para 65 escolas do DF. Fora do novo modelo de distribuição, ele prevê a falência. "Eu tinha 12 pessoas trabalhando, hoje eu só tenho três. Precisei mandar todas embora, minha empresa vai fechar", reclama.

O empresário acredita que faltou diálogo entre GDF e setor. "Se a Secretaria (de Educação) deixasse a gente vender as peças que estavam produzidas, não teríamos esse prejuízo que estamos tendo", diz Sidney, que deve jogar todo o estoque produzido no lixo.

Mão de obra

Fora do segmento de produção de uniformes, o de moda também agoniza. O sindicato informou que o ramo ainda amarga os efeitos da pandemia e que a venda não voltou aos patamares de 2019. "Além disso, o segmento tem maior participação de multimarcas de fora do DF", explica Walquíria.

A escassez de mão de obra é outro desafio enfrentado pelo setor. A costura é uma área dominada por mulheres, que precisam cuidar da casa e dos filhos, o que acaba afastando-as das oportunidades de emprego, segundo a avaliação da consultora do Sebrae e diretora da Escola Moda Brasil Verônica Goulart.

"É uma exclusividade delas [o cuidado da casa], também há falta de creche, como elas vão trabalhar? Muitas das mulheres, por falta de recursos econômicos e por violência doméstica, não conseguem sair de casa", analisa. De acordo com a especialista, mais de 60% da cadeia produtiva é formada por mulheres. Dessa fatia, mais da metade são mulheres pretas.

A escassez de pessoas qualificadas para trabalhar em confecção é um dos grandes desafios do estabelecimento gerenciado por Terezinha Pires Soares, 57, no Polo de Moda do Guará. Segundo a gestora, o proprietário do estabelecimento chegou a comprar um conjunto de maquinário moderno, que fica no subsolo do imóvel. "O dono daqui decidiu abrir uma fábrica em Jaraguá (GO). Com cerca de 30 empregados, lá funciona muito bem e os resultados são ótimos", diz a gerente.

A fábrica em Goiás produz as roupas que são transportadas para a loja no DF, onde são feitos os trabalhos de acabamento de pinturas e bordados. O estabelecimento trabalha com a confecção de uniformes. Entre os clientes estão empresas de transporte, hospitais, condomínios, construção civil e escolas. Terezinha atribui a ausência de mão de obra no DF à falta de disposição de parte dos trabalhadores da cidade. "São muitos benefícios concedidos pelo governo, o que faz com que muita gente não queira trabalhar", queixa-se.

Segundo a consultora do Sebrae Verônica Goulart, o governo de Goiás tem investido no setor, instalando centros de automação em pequenos municípios. Nessas fábricas, o corte da peça é feito com o mínimo de desperdício, o que barateou o processo. "O GDF deveria olhar para o setor e perceber a importância que ele tem. É sem dúvida um vetor de transformação social e econômico para o DF, principalmente para as mulheres", finaliza.

O que diz o GDF

A Secretaria de Educação do DF informou ao **Correio** que a licitação para a compra dos uniformes da rede pública foi feita na modalidade pregão. A nota diz que foram 28 lotes de contratação, sendo metade deles para participação exclusiva de pequenas e microempresas, dando oportunidade às empresas do DF.

"O Pregão foi amplamente divulgado no Diário Oficial do DF e no Diário Oficial da União e em jornais de grande circulação. As empresas vencedoras apresentaram os menores preços do Pregão e atenderam todos os requisitos classificatórios do certame", diz a nota.

***Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado**